



NUNO CAMARNEIRO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

CIÊNCIA E FICÇÃO

Andará a ficção científica atrás da ciência ou a ciência atrás da ficção?
Quanta ciência teria Júlio Verne? E quantos cientistas o terão lido?

Em 1865 é publicado o romance de Júlio Verne “Da Terra à Lua”, que descreve como uma organização norte-americana, a *Gun Club*, decide enviar uma tripulação à Lua usando um grande canhão situado na Flórida. Como sabemos, a primeira missão tripulada à Lua, a Apolo 11, foi realizada em 1969 com uma tecnologia muito diferente, usando um foguete em vez de um canhão, mas Júlio Verne teve algumas intuições acertadas: o local de lançamento foi, de facto, a Flórida; a tripulação era composta por três astronautas; o retorno foi feito através de uma amargem no oceano Pacífico.

Júlio Verne foi um visionário tecnológico em muitos outros aspetos, refere, por exemplo, a utilização de velas solares (ainda no “Da Terra à Lua”), o que viria a acontecer em 2010 com o lançamento da sonda japonesa Ikaros, e antecipa em quase um século o submarino elétrico no romance “20.000 Léguas Submarinas”.

Há outros casos notáveis de autores de ficção científica que anteciparam ideias ou invenções em muitas décadas, por exemplo, o autor britânico H.G Wells, que no seu romance distópico de 1899 “When The Sleeper Wakes”, refere a existência de portas automáticas; o escritor norte-americano Edward Bellamy, que no roman-

ce “Looking Backwards”, publicado em 1888, prevê a utilização de cartões de crédito; ou Aldous Huxley, que no conhecido romance “Admirável Mundo Novo” (publicado em 1931), idealiza uma sociedade futura onde se banaliza o uso de drogas antidepressivas e da engenharia genética.

É verdade que uma coisa é imaginar um conceito, uma inovação ou mesmo uma tecnologia futura, e outra, bem diferente e muito mais trabalhosa é desenvolvê-lo, com todo o labor científico, técnico e económico que isso envolve. Ainda assim, acredito que os criadores artísticos, sejam artistas plásticos, escritores, cineastas ou autores de jogos de computador, desempenham um papel importante na idealização do futuro e até na escolha das áreas científicas em que haverá maior investimento. Quantos cientistas e engenheiros terão sonhado com o submarino de Júlio Verne? Que impacto terão causado os “tablets” do “2001 Odisseia no Espaço” no adolescente Steve Jobs?

Só posso concluir que os cientistas que leem e veem bons filmes estarão sempre em vantagem, alguns talvez cheguem a transformar a “ficção científica” em ciência, não serão os primeiros.